

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Música**  
**Programa de Pós-graduação em Música**

**JULIANA MÁRCIA BRITO**

**PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS SOB O OLHAR HUMANISTA APLICADAS AO  
ENSINO DO RITMO E DA PERCUSSÃO NA MUSICOTERAPIA**

**BELO HORIZONTE**  
**2023**

JULIANA MÁRCIA BRITO

**PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS SOB O OLHAR HUMANISTA APLICADAS AO  
ENSINO DO RITMO E DA PERCUSSÃO NA MUSICOTERAPIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Música

Linha de Pesquisa: Educação Musical

Orientador: Prof. Dr. Renato Tocantins Sampaio

Co-orientadora: Profa. Dra. Marina Horta Freire

**BELO HORIZONTE  
2023**

B862p

Brito, Juliana Márcia.

Perspectivas metodológicas sob o olhar humanista aplicadas ao ensino do ritmo e da percussão na Musicoterapia [manuscrito] / Juliana Márcia Brito. - 2023.  
50 f., enc.

Orientador: Renato Tocantins Sampaio.

Coorientadora: Marina Horta Freire.

Linha de pesquisa: Educação musical.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música.

Inclui bibliografia.

1. Música - Teses. 2. Educação musical. 3. Música para percussão. 4. Ritmo (Música). 5. Musicoterapia. I. Sampaio, Renato Tocantins. II. Freire, Marina Horta. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Música. IV. Título.

CDD: 780.7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE MÚSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pela aluna **Juliana Márcia Brito**, em 10 de julho de 2023, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

---

Prof. Dr. Renato Tocantins Sampaio  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(orientador)

---

Profa. Dra. Marina Horta Freire  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(coorientadora)

---

Profa. Dra. Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha  
Universidade Estadual do Paraná

---

Profa. Dra. Verônica Magalhães Rosário  
Universidade Federal de Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Renato Tocantins Sampaio, Diretor(a) de unidade**, em 10/07/2023, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha, Usuária Externa**, em 11/07/2023, às 18:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Veronica Magalhaes Rosario, Membro**, em 12/07/2023, às 13:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marina Horta Freire, Professora do Magistério Superior**, em 12/07/2023, às 20:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2438067** e o código CRC **5C7ECB7B**.

---

Dedico este trabalho às musas Música,  
Percussão, Psicologia e Musicoterapia, sem  
elas tudo seria muito diferente e talvez  
menos colorido.

## AGRADECIMENTOS

Eu sou grata por tanto, que eu não sei se o que eu escrever aqui irá imprimir o meu real sentimento. Sou grata por quem veio antes, pelas oportunidades que me foram dadas, pelas lutas que escolhi travar e pelas pessoas que fazem parte de mim.

Sou grata pela minha mãe ser a pessoa que é. Por ter me mostrado um mundo cheio de desafios, mas que é sempre melhor buscar a famosa paz de espírito. Por me dar a música como parceira de vida e por ter encontrado um anjo muito maluco para me dizer que “*A vida é prova, ávida prova, a vida é pra provar*”. Bella, te agradeço por todo o incentivo, pela simplicidade do acreditar, pela beleza de olhar as coisas e pelo amor às plantinhas. Gutti, irmão lúdico, obrigada pelas risadas mais fáceis, pela alegria de ser, pela dedicação, cuidado e amor. Obrigada Lúdica Música! por ter feito a minha história musical mais apaixonada, intensa, verdadeira e por me dizer que “*eu sou a deusa do meu universo*”.

Sou grata por fazer parte de uma família baseada no amor, na alegria, na boa energia e nos melhores encontros. Por ter a Mary seguindo do meu lado e por todos os amigos que são verdadeiras redes de apoio. Por vocês e com vocês eu transmuto e por isso a minha vida é mais feliz. Douglas, meu marido, te agradeço principalmente pela parceria leve, pelo cuidado, paciência e por ser meu melhor amigo. Obrigada pelo aconchego da luz do pôr do sol, por me mostrar um mundo menos cruel e por ser o ritmo da minha música mais pulsante. E obrigada por ter me presenteado com a família Santos.

Agradeço demais da conta à Verônica Leite pela gentil revisão, pelo cuidado e pelas palavras de carinho, à Mayara Franco pelo seu companheirismo, ouvido atento, diversas e divertidas conversas e ao ClandesTinas pela agradável e vital presença.

Sou grata pelos professores, seus ensinamentos e partilhar. Obrigada Renato Sampaio por ter aceitado fazer parte dessa história rítmica, e Marina Freire, obrigada por ser minha luz e fonte de inspiração musicoterapêutica. À CAPES, pelo apoio financeiro que fomenta a construção do conhecimento científico no país e que viabilizou minha dedicação à pesquisa.

“...Sou feliz, alegre e forte, tenho amor e sorte, aonde quer que eu vá. Sou feliz, alegre e forte, tenho amor e muita sorte, aonde quer que eu vá.” (Música: Feliz, alegre e forte - Marisa De Azevedo Monte / Angelo Vitor Simplicio Da Silva / Rachell Luz)

*...É ver, tocar, desejar, conhecer, não perseguir  
Não se culpar, não ceder, não se arrepender  
não ser limitada, obrigada a fazer  
Ser uma estrada, ser bicho, ser livre  
ser solta por aí.*

*Rosana Britto*



## RESUMO

Com base na importância do ritmo e dos instrumentos de percussão nas sessões de Musicoterapia, bem como na necessidade de conhecimentos prévios sobre esses elementos, esta dissertação tem como objetivo principal compreender como aprimorar o uso de instrumentos de percussão na prática clínica musicoterapêutica frente ao ensino de ritmo e percussão fundamentado nas abordagens pedagógicas humanistas. Para embasar teoricamente essa pesquisa, foi realizada uma revisão da literatura existente sobre o ritmo e os instrumentos de percussão na Musicoterapia com ênfase na seleção e no uso adequado desses instrumentos, bem como nos parâmetros musicais relevantes no contexto clínico. Essa revisão mostrou que o tema ainda é pouco explorado na literatura musicoterapêutica brasileira. Também foi realizado um levantamento da literatura pedagógica sobre as abordagens humanistas para o ensino da percussão em Musicoterapia, apresentando ideias de didáticas humanistas que podem fortalecer a conexão das(os) estudantes com instrumentos de percussão, permitindo expandir o pensamento criativo na prática clínica. A fim de ampliar o conhecimento sobre a formação das(os) musicoterapeutas em relação ao ritmo e aos instrumentos de percussão, utilizou-se a metodologia da pesquisa exploratória, que consistiu na aplicação de um questionário direcionado aos estudantes de Musicoterapia no Brasil e revelou o pouco nível de contato e conhecimento dos estudantes de Musicoterapia em relação aos instrumentos de percussão, além de identificar a necessidade de fortalecer e ampliar os conhecimentos acerca desses instrumentos. Além disso, foi realizado um estudo piloto de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia utilizando como proposta didática a perspectiva de abordagens humanistas centradas na pessoa, o que mostrou que a realização de um grupo de estudos sobre essa temática é possível e relevante. Vale ressaltar a importância da(o) musicoterapeuta estar consciente ao escolher os instrumentos de percussão e de possuir conhecimento rítmico, pois acredita-se que, dessa forma, sua prática, intenção clínica e abertura artística podem ser cada vez mais acessíveis e harmônicas, permitindo-se ampliar as possibilidades no processo musicoterapêutico.

Palavras chave: percussão em musicoterapia; ritmo em musicoterapia; abordagens humanistas e ensino de percussão.

## ABSTRACT

*Based on the importance of rhythm and percussion instruments in Music Therapy sessions, as well as the need for prior knowledge of these elements, this thesis aims to understand how to enhance the use of percussion instruments in clinical music therapy practice based on humanist pedagogical approaches. To theoretically support this research, a review of existing literature on rhythm and percussion instruments in Music Therapy was conducted with emphasis on the selection and appropriate use of these instruments, as well as the relevant musical parameters in the clinical context. This review revealed that this topic is still underexplored in Brazilian music therapy literature. A survey of pedagogical literature on humanist approaches to teaching percussion in Music Therapy was also conducted, presenting humanist didactic ideas that can strengthen the students' connection with percussion instruments and expand creative thinking in clinical practice. In order to broaden the knowledge of music therapists' training regarding rhythm and percussion instruments, an exploratory research methodology was used, which involved the administration of a questionnaire to music therapy students in Brazil. The questionnaire revealed a low level of contact and knowledge among music therapy students regarding percussion instruments, highlighting the need to strengthen and expand knowledge about these instruments. A pilot study of percussion practice for music therapy students was also conducted, using a humanist person-centered approach as a didactic proposal, and showing that the realization of a study group with this thematic is possible and relevant. It is important to emphasize that the music therapist should be mindful when choosing percussion instruments and possessing rhythmic knowledge, as it is believed that this will make their practice, clinical intention, and artistic openness more accessible and harmonious, thus expanding possibilities in the music therapy process.*

*Keywords: percussion in music therapy; rhythm in music therapy; humanist approaches and percussion teaching.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Instituições que os respondentes fazem graduação em Musicoterapia	36
Figura 2 - Período que os respondentes estão cursando	37
Figura 3 - Instrumento principal dos respondentes	37
Figura 4 - Se os respondentes tiveram contato com os instrumentos de percussão	38
Figura 5 - Instrumentos de percussão mais conhecidos	38
Figura 6 - Se no curso dos respondentes tem aula de percussão	39
Figura 7 - Instrumentos de percussão	45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 1 – Ritmo e instrumentos de percussão na Musicoterapia brasileira ...</b>	<b>20</b>
1.1 Percussão e seus instrumentos: uma visão poética .....	22
1.2 Ritmo e percussão na Musicoterapia brasileira .....	24
<b>Capítulo 2 - As perspectivas humanistas como referencial pedagógico para o ensino de percussão na Musicoterapia .....</b>	<b>28</b>
2.1 Carl Rogers e a abordagem centrada na pessoa .....	29
2.2 Gestaltpedagogia e Gestalt terapia .....	30
2.3 Aprendizagem Colaborativa e Criativa .....	30
2.4 Musicoterapia: proposta de ensino da prática percussiva .....	31
<b>Capítulo 3 - Ritmo e percussão na formação do musicoterapeuta: a visão dos estudantes na prática clínica a partir da aplicação de um questionário .....</b>	<b>35</b>
<b>Capítulo 4 - Estudo piloto .....</b>	<b>42</b>
4.1 Relatório do estudo piloto - Aula 1 .....	42
4.2 Relatório do estudo piloto - Aula 2 .....	44
4.3 Discussão da experiência .....	46
<b>Discussão e considerações finais .....</b>	<b>47</b>
<b>Referências .....</b>	<b>50</b>

## **PREFÁCIO: experiências e motivação pessoal**

Sou Juliana, filha única de uma mulher artista. Minha mãe é Rosana<sup>1</sup>, cantora, compositora, musicista, artista no mais cerne sentido da palavra: “Aquele que se dedica às artes ou faz delas meio de vida” (MICHAELIS, 2015). Minha mãe sempre foi artista. Mesmo antes de investir na carreira. Começou a compor músicas ainda criança e com nove anos de idade fez parte de um grupo de baile “Os Gatos” em Astolfo Dutra, cidade da Zona da Mata Mineira. Ela chegou a fazer faculdade de Psicologia, mas a música ocupou um espaço tão grande dentro dela, que trancou a faculdade e foi tocar nos bares de Juiz de Fora, também Zona da Mata Mineira. Daí em diante se dedicou totalmente à música e à arte.

Em 1984 eu nasci e fui adotada por ela, que já havia me adotado na barriga da minha mãe biológica. Desde então, cresci rodeada pela arte e influência dela. Em 1991 minha mãe se uniu aos amigos Isabella<sup>2</sup> e Joãozinho<sup>3</sup> e fundaram o grupo musical Lúdica Música!, que se tornou minha escola de música principal e, através deles, pude experimentar a vida através da arte e da música. Minha memória musical se inicia aqui. Comecei a tocar percussão com o Lúdica aos 12 anos, mais especificamente o surdo e algumas músicas de pandeiro. Em 1996 fui conquistada pelo poder da percussão e descobri o quão transformador é tocar esses instrumentos. A partir daí, embarquei em uma jornada com o ritmo e os instrumentos de percussão que me proporcionaram a alegria de tocar, participar e sentir que faço parte de algo maior. Como bem disse uma amiga<sup>4</sup>: “percussão é o meu lugar no mundo”.

---

<sup>1</sup> Rosana Brito: cantora, compositora e musicista. Iniciou a carreira aos nove anos e durante a adolescência participou ativamente do circuito de Festivais da Canção, em Minas, tendo sido premiada em vários deles. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/rosana-brito/>. Acesso em: abril de 2023.

<sup>2</sup> Isabella Ladeira: cantora, compositora, musicista e graduada em Comunicação Social pela UFJF. Membro fundadora do Grupo Lúdica Música! e da Oficina Lúdica de Ritmos Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/isabella-ladeira/>. Acesso em: abril de 2023.

<sup>3</sup> Joãozinho da Percussão: percussionista nascido em Juiz de Fora. Já tocou com artistas da MPB, como Chico Buarque, Jorge Ben Jor e etc. É membro fundador do Grupo Lúdica Música!, estando presente até 1995. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/joaozinho-da-percussao/>. Acesso em: abril de 2023.

<sup>4</sup> Joyce Barbosa: surdista do Bloco Clandestinas.

Em 2006, já com a presença do Gutti<sup>5</sup>, o Lúdica criou a Oficina Lúdica de Ritmos (OLR), um projeto em constante evolução que promove workshops de percussão com ensinamentos e práticas sobre diferentes ritmos e estilos musicais. O evento conta com shows de encerramento, saraus e a participação de todas as pessoas participantes. A OLR é realizada em várias cidades do Brasil e Portugal e atende públicos de diferentes idades, desde crianças até idosos. Em 2008, já estudante de Psicologia (ingressa em 2005), tive a oportunidade de me tornar monitora da OLR. Fui responsável por orientar e auxiliar os participantes a entender e tocar os instrumentos disponíveis, bem como a identificar e perceber suas preferências musicais. Durante as oficinas, pude constatar que tocar percussão pode ser uma experiência marcante e gratificante, e que o ensino de música e seus elementos, bem como o estímulo musical, podem ser recursos eficazes para o fortalecimento das potencialidades dos participantes.

Durante a faculdade de Psicologia, mantive meu envolvimento com música e percussão, embora com menos intensidade, já que a carga de estudos exigia minha atenção total. Por essa razão, precisei diminuir a frequência das apresentações musicais. Embora tenha sido um período de imersão na Psicologia, eu sentia que algo estava faltando em minha vida - a música e os instrumentos de percussão eram essenciais para mim e eu sabia que precisava encontrar uma maneira de me reconectar com eles. Após participarmos de uma oficina com Maurício Tizumba, eu e um grupo de amigos decidimos criar um grupo de tambor de congado. Nos apresentamos em diversos eventos e lugares em Juiz de Fora. Desde que retomei minha paixão pela música, não parei mais. Tocar me traz uma sensação de preenchimento que eu não encontro em nenhum outro lugar. Continuo participando de oficinas, dando aulas, fazendo shows e aprendendo constantemente.

Quase no fim do curso de Psicologia descobri a Musicoterapia e descobri que poderia unir minhas duas paixões - Terapia e Música! Em 2013, após quatro anos de formada e de trabalhar com música, decidi me mudar para Belo Horizonte, MG, em busca

---

<sup>5</sup> Gutti Mendes: músico, cantor, compositor, produtor musical brasileiro com 21 anos de carreira. Entrou para o Lúdica Música! em 2003, ainda atuante. Disponível em: <https://soundcloud.com/gutti-mendes>. Acesso em: abril de 2023.

do curso de Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No entanto, só consegui ingressar no curso em 2015 e não foi tarefa fácil, pois trabalhava até às 18h10 e a aula começava às 19h, o que implicava em enfrentar o trânsito intenso da cidade nesse horário. Tive que conversar com os professores (eu chegaria atrasada para a aula), alguns foram mais compreensivos do que outros, trancar matérias e me dedicar muito aos estudos, já que era a primeira vez que eu estudava a parte teórica da música, após anos de prática. Novos amigos, nova cidade, nova universidade, novo curso - nova vida! A Musicoterapia foi um desafio poderoso e vigoroso e mais uma vez eu sabia que estava no lugar certo. Eu percebia que atender pacientes utilizando a música é algo muito potente e a percussão ser empregada como um meio de comunicação é fascinante.

Durante meu curso de Musicoterapia na UFMG, eu pude compreender a importância dos instrumentos de percussão no processo terapêutico. Os instrumentos, como o pandeiro, ganzá, tambor, chocalho, guizos, entre outros, desempenham um papel fundamental na comunicação com os pacientes desde o primeiro contato. Através da minha participação ativa em estágios obrigatórios e da minha própria trajetória como percussionista, o uso do ritmo e dos instrumentos de percussão no *setting* musicoterapêutico tornou-se um dos meus principais interesses acadêmicos.

Acredito que musicoterapeutas devem ter conhecimento sólido sobre os instrumentos que serão usados em seu *setting* terapêutico, pois isso pode ajudar a tornar a terapia mais coesa, harmoniosa e acessível. Cada instrumento tem sua função e funcionalidade nas sessões. A capacidade do musicoterapeuta de conhecê-los e fazer a melhor escolha pode permitir uma maior liberdade musical para o paciente, tornando a experiência da música na sessão mais enriquecedora e os atendimentos mais individualizados. Em resumo, o uso dos instrumentos de percussão e a percepção do ritmo na Musicoterapia são ferramentas valiosas que podem auxiliar na comunicação terapêutica e na experiência musical do paciente.

Com base nas minhas pesquisas e estágios na área de Musicoterapia, pude constatar a importância do musicoterapeuta estar consciente na seleção dos instrumentos de percussão e em possuir um bom conhecimento rítmico, essenciais para uma prática eficaz da Musicoterapia. Essa consciência visa aprimorar a prática clínica, intenção terapêutica e ampliar as possibilidades artísticas, a fim de proporcionar sessões

acessíveis e harmoniosas. No entanto, observei uma lacuna na literatura e na prática sobre esse tema apesar de ser notória a importância da pulsação e dos instrumentos de percussão nos atendimentos musicoterapêuticos. Dessa forma, além de iniciar essa conversa no meu trabalho de conclusão de curso em Musicoterapia, optei por ingressar no mestrado e aprofundar o conhecimento sobre o ritmo e os instrumentos de percussão na Musicoterapia, a fim de corroborar suas importantes contribuições para a melhora da qualidade de vida dos pacientes.



## INTRODUÇÃO

A capacidade da música de influenciar o estado emocional dos indivíduos se deve ao fato dela produzir reações fisiológicas cuja magnitude parece depender do conteúdo emocional. A música, presente na vida humana ao longo dos séculos, pode ser considerada um meio de diálogo não verbal. A musicalidade é inata e tem o poder de desencadear processos profundos de transformação pessoal, impactando não apenas o indivíduo, mas também o universo ao seu redor. A música é uma linguagem universal capaz de transcender barreiras e influenciar positivamente tanto a vida daquele que a cria quanto do ambiente que o cerca (WEIGSDING; BARBOSA, 2014, p. 2).

Segundo a definição da Enciclopédia Britânica do Brasil (1992), num sentido amplo, o ritmo pode ser definido como a estruturação de durações sonoras. Sua função na música, como na dança ou na poesia, é expressa por meio de acentuações e de alternâncias de tempos fortes e fracos, constituindo, em consonância com a melodia e a harmonia em um dos três elementos da música. O ritmo é, entretanto, o único elemento observado em praticamente todas as artes. Já a Barsa (2005) define que ritmo é a ordenação de sons, de acordo com a sua duração, ao longo do tempo. Tudo na natureza tem seu ritmo. O ser humano é muito sensível ao ritmo, já que existe uma equivalência entre ritmo sonoro e o ritmo corporal interno (CORDERO, 2014, p. 3).

O ritmo é o elemento musical que mais está ligado à percepção de duração no tempo. É algo que flui e se movimenta. Sem movimento não há som, mesmo que em determinados momentos ele não seja percebido pelo ouvido humano (WEIGSDING e BARBOSA 2014, p.6). O movimento rítmico é regulado e como diz Beatriz Medeiros (2009, p.54), a organização rítmica é fundamental, tanto que o problema não é apontar “onde está o ritmo”, mas revelar o seu aspecto psicológico e cognitivo.

Tendo como base meus estudos do ritmo, a prática percussiva e a formação em Musicoterapia, o modo como o ritmo e os instrumentos de percussão são utilizados pelo musicoterapeuta no *setting* musicoterapêutico se tornou meu principal questionamento e como estímulo fundamental minhas observações de como os mesmos são utilizados nas práticas dos estágios de graduação e como eles têm sido ensinados nas aulas de percussão para o curso de Musicoterapia na UFMG. Durante

a graduação em Musicoterapia, nos estágios, nas aulas e na prática foi possível perceber como é importante se preocupar em dar sentido para os instrumentos, onde paciente e musicoterapeuta se comunicam através da música e dos instrumentos escolhidos para serem tocados, estreitando os laços entre eles e tornando o *setting* terapêutico orgânico e acessível.

Segundo Lia Rejane Barcellos (2004, p.70), em Musicoterapia a música é um meio através do qual se pretende dar possibilidades para que uma outra pessoa se desenvolva, não especificamente na área musical, mas como um todo. Assim, a musicalidade que estaria a serviço do outro, seria utilizada em relação ao outro, ou seja, nosso paciente ou grupo de pacientes. Para o exercício da(o) musicoterapeuta seria necessário aprimorar a musicalidade, sendo fundamental que aquele que se utiliza da música tenha sempre em mente que ela pode exercer várias funções e ainda reflita sobre a função com a qual está lidando para que tenha melhores resultados.

Quando paciente e terapeuta fazem música juntos, no processo musicoterapêutico, há um encontro do paciente com o terapeuta em um território que é ao mesmo tempo musical e clínico, havendo demandas e forças destes dois tipos. Sendo assim, caberá ao musicoterapeuta conjugar as condições clínicas do paciente com suas possibilidades de expressão musical na seleção e na condução de atividades musicais a fim de permitir ao paciente mudar seu estado de saúde a partir deste encontro. Sendo assim, é muito importante compreender que a música que é feita em Musicoterapia e suas diversas possibilidades devem ser consideradas para além de uma análise musical tradicional, atentando-se para os elementos próprios do processo musicoterapêutico que transformarão tal análise em uma análise musicoterapêutica (SAMPAIO, 2018, p.95).

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra na pele do ser humano provocando arrepios de prazer ou o faz mergulhar em lembranças. Algumas melodias acabam por não tocar o indivíduo, enquanto outras o atingem diretamente e podem até transmitir significados concretos. “O cérebro de todo ser humano se interessa por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado” (SCHALLER, 2005, p. 67).

O toque da percussão é o fenômeno que se expõe por um afeto imediato em uma experiência que desperta encanto. O que se dá primeiro é sempre o afeto: o toque. Como sua vigência é um tocar, não há como não ser tocado pela percussão, pois quando se mostra, ela já se mostra revelando um sentido que fascina. Como

destaca Paraguassú Abrahão (2015, p.17), a falta de conhecimento de trabalhos que discutam, mais especificamente, a percussão como possibilidade para se repensar a compreensão filosófica do tempo poético musical e a tendência de se considerar a percussão apenas como instrumento funcional representativo de culturas e estética, fez necessário trazer à tona o sentido da percussão, enquanto linguagem e sentido, pensando na percussão enquanto *poíesis*, isto é, fenômeno gerador de sentido. “Quando as vibrações sonoras percussivas entram em um corpo receptivo, resultam numa memória global onde som e movimento se somam. Os sons são “escritos” no corpo” (SANTOS, 2018, p.13). Um conjunto percussivo geralmente é composto por membranofones (instrumentos que possuem pele animal ou sintética esticadas sobre um corpo de metal ou madeira – tambor, pandeiro, etc.) e idiofones (instrumentos cujo som é produzido a partir do seu próprio corpo e vibração – ganzá, chocalho, reco reco, etc.) (GRAEF, 2015, p.69).

Considerando a possibilidade da pulsação ser intrínseca e os instrumentos de percussão são protagonistas nas sessões de Musicoterapia e, ainda, a pouca fundamentação prática e teórica sobre esse tema no campo acadêmico, o presente trabalho teve como objetivo principal compreender como aprimorar o uso de instrumentos de percussão na prática clínica musicoterapêutica frente ao ensino de ritmo e percussão fundamentado nas abordagens pedagógicas humanistas. Como objetivos específicos temos: (1) revisar a literatura sobre ritmo e os instrumentos de percussão na Musicoterapia com ênfase na seleção e no modo de utilização destes instrumentos, para além dos parâmetros musicais no contexto clínico; (2) identificar quais são os conhecimentos e as habilidades percussivas necessárias para um musicoterapeuta, visando o desenvolvimento da musicalidade clínica a partir da perspectiva pedagógica humanista; (3) investigar e registrar quais os conteúdos mais relevantes no ensino da percussão para estudantes de Musicoterapia.

Para atingir tais objetivos, foram realizadas revisão de literatura, aplicação de um questionário e relato de experiência pessoal, envolvendo tanto a formação musical como a formação da musicalidade. A metodologia foi dividida em:

1. Revisão de literatura para fundamentações sobre ritmo, instrumentos de percussão e perspectivas de abordagens pedagógicas humanistas.

2. Envio e análise de questionário online aos estudantes de graduação em Musicoterapia no Brasil sobre o ritmo e instrumentos de percussão em sua formação e práticas clínicas iniciais.
3. Apresentação de um estudo piloto sobre um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia.

Esta dissertação é dividida em 4 capítulos. O capítulo 1 “Ritmo e instrumentos de percussão na Musicoterapia”, fundamenta-se na experiência pessoal e na literatura pré-existente, apresentando como ponto de vista a utilização consciente do ritmo e dos instrumentos de percussão na Musicoterapia. No capítulo 2, nomeado “As perspectivas humanistas como referencial pedagógico para o ensino de percussão na Musicoterapia”, é apresentada a compreensão do ensino a partir da didática centrada na pessoa. No capítulo 3 “Ritmo e Percussão na formação do musicoterapeuta: a visão dos estudantes na prática clínica a partir da aplicação de um questionário”, apresenta-se uma pesquisa exploratória que enviou um questionário online aos estudantes de graduação em Musicoterapia do Brasil, com o objetivo de investigar o nível de contato e conhecimento dos estudantes de Musicoterapia em relação ao ritmo e aos instrumentos de percussão. E o capítulo 4, intitulado “Estudo piloto”, apresenta uma experiência preliminar de duas aulas de prática percussiva para estudantes do curso de Musicoterapia da UFMG, baseando-se nas abordagens humanistas de ensino e nas reflexões acerca do tema realizadas nos capítulos anteriores.

## Capítulo 1 - Ritmo e instrumentos de percussão na Musicoterapia brasileira

O ritmo é um elemento essencial em diversas manifestações artísticas como a música, a dança e a poesia. Pode ser entendido como a organização das durações sonoras, que é expressa através de acentuações e variação de dinâmica. No contexto musical, o ritmo é um dos três elementos fundamentais, ao lado da melodia e da harmonia, e é responsável por dar estrutura e fluidez à música. Além disso, é importante destacar que o ritmo é algo intrínseco ao ser humano, que possui uma conexão natural entre o ritmo sonoro e o ritmo corporal interno (CORDERO, 2014, p.3).

Para Osvaldo Garcia Cordero (2014, p.3), o ritmo é uma característica presente nas atividades da natureza, desde as mudanças das estações até as batidas do coração. Ele é essencial para a existência de todas as formas de vida e fundamental para a realização de qualquer atividade. Por isso, a consciência rítmica é fundamental para o desenvolvimento psicomotor do ser humano, já que o ritmo está essencialmente ligado ao movimento. Ainda segundo o autor, internalizando um ritmo musical, é possível desenvolver habilidades motoras e fixar destrezas, o que comprova a importância do ritmo em diversas áreas da vida, incluindo a música, a dança e a terapia.

Ainda de acordo com o autor, desde a gestação, o ser humano está exposto ao ritmo das pulsações da mãe dentro do útero materno, o que pode explicar o fato das crianças serem naturalmente atraídas por todo tipo de som. Desde os primeiros contatos, elas têm a tendência de imitar gestos e sons, bater palmas e acompanhar o ritmo de estímulos sonoros. Moura *et al.* (1989 *apud* CORDERO, 2014 p.3) afirmam que "o aspecto rítmico é inerente ao ser humano, estando ligado à parte fisiológica e ao movimento". Na primeira infância, as crianças expressam o ritmo de forma intuitiva e espontânea. No entanto, é importante conscientizá-las sobre a existência do ritmo como um elemento musical básico através de experiências vivenciadas.

O ritmo é uma característica essencial da música e pode ser entendido como uma sucessão de eventos sonoros organizados em uma ordem temporal distinta. Por ser composto por elementos como duração, acentuação, tempo e pulsação, o ritmo ajuda a definir a estrutura musical e a criar uma sensação de pulsação ou batida que

é sentida pelo ouvinte. Além disso, o ritmo também está presente em nossos movimentos corporais naturais e é uma parte fundamental de nossa percepção e sincronização motora. O ritmo está relacionado a funções cognitivas complexas, como a memória, atenção, percepção espacial e habilidades motoras. Cada pessoa tem um ritmo particular que é desenvolvido durante a infância e pode ser moldado ao longo da vida. A habilidade de sentir e se expressar através do ritmo é uma parte importante da cultura humana e tem sido uma forma de comunicação e expressão artística desde os tempos antigos (BHARATHI, et al., 2019, p. 181).

Dalcroze (*apud* SPOSITO, CUNHA, 2013, p.5), afirma que a capacidade de seguir o ritmo da música está intimamente relacionada à consciência corporal e à coordenação motora. O autor argumenta que problemas de personalidade e insatisfação pessoal podem afetar a habilidade de uma pessoa de seguir o ritmo da música, o que sugere a existência de um desequilíbrio entre corpo e mente.

Nesse contexto, Mariângela Sposito e Rosemyriam Cunha (2013, p.5) enfatizam que a educação rítmica pode ser uma forma eficaz de melhorar a coordenação motora e a consciência corporal. Elas argumentam que a compreensão do ritmo como um princípio biológico estruturador no nível orgânico pode ajudar a superar o desequilíbrio entre corpo e mente, melhorando a expressão e a compreensão da música. Portanto, a educação rítmica pode ser uma ferramenta valiosa para aprimorar a qualidade de vida e superar desafios físicos e mentais. A compreensão da relação entre o ritmo e a consciência corporal pode proporcionar uma abordagem única e extensa para o desenvolvimento pessoal e a expressão artística.

O desenvolvimento da consciência rítmica é alcançado praticando o movimento ordenado, o ritmo pode revelar seus poderes: estimulante, afirmativo, calmante ou catalisador. Assim favorece uma base estável para o desenvolvimento do tônus vital, da emotividade e das estruturas da inteligência, também despertando e mantendo a força de vontade, indispensável para a vida e para a cura (WILLEMS, 1975, p.35 *apud* SPOSITO e CUNHA, 2013, p.5).

Praticar o sentido rítmico natural pode trazer diversos benefícios para o corpo e a mente. Além de estimular o sistema neuromuscular e aprimorar a coordenação motora, também pode melhorar a respiração. O desenvolvimento do ritmo também ajuda na adaptação auditiva a diferentes compassos, na memorização e repetição de sons, na identificação de notas fortes e fracas, e no controle dos movimentos corporais. Essas habilidades são úteis em várias áreas da vida, desde a música e a

dança até a prática esportiva e a comunicação interpessoal. Aprender a desenvolver o ritmo é um processo desafiador, mas recompensador, que nos ajuda a nos conectar com o mundo e com nós mesmos (CORDERO, 2014, p.4).

### **1.1 Percussão e seus instrumentos: uma visão poética**

De acordo com Paraguassú Abrahão (2015, p.17), há o reconhecimento de que a percussão, em especial, a música e a arte, em geral, para além da mera materialidade sonora e de procedimentos técnicos, têm um potencial poético que, acrescentado à temporalidade, exerce influência na história do humano. Considera-se também o fato de que pouca coisa semelhante existe nas concepções e orientações acadêmicas a respeito da percussão enquanto linguagem dando-se no tempo e constituindo sentido, existindo somente estudos científicos tentando aproximar a arte da ciência. E como bem poderia dizer Friedrich Nietzsche, “a intensa proliferação da valorização da ciência-técnica transforma o fazer artístico em uma desertificação de sentido”. Daí o interesse de se pensar a percussão/música no âmbito do poético, isto é, procurando a temporalidade originária que revela, no pensamento musical, a existência humana.

A falta de conhecimento de trabalhos que discutam, mais especificamente, a percussão como possibilidade para se repensar a compreensão filosófica do tempo poético musical e a tendência de se considerar a percussão apenas como instrumento funcional representativo de culturas e estética, fez necessário trazer à tona o sentido da percussão, enquanto linguagem e sentido, pensando na percussão enquanto *poíesis*, isto é, fenômeno gerador de sentido (ABRAHÃO, 2015, p.17; 25).

A percussão, ao ser toque de sentido, não se restringe a um conjunto de instrumentos musicais, mas se instaura como possibilidade de a própria música ser e realizar-se como sentido poético. Percussão é uma experiência de mundo atravessada pelo afeto. É pensamento e criação que se dá em diálogo. A questão do toque da percussão, ao se apresentar, é que se impõe na sua magnitude a partir da experiência do tocar percussão e de ser tocada por ela. Ao tocar e ser tocada compreende-se que tanto o instrumento quanto quem toca é acometido pela ação verbal do tocar: ambos são tocados e ambos tocam (ABRAHÃO, 2015, p.18).

A percussão é uma forma de arte que pode ter um impacto positivo em nossas vidas, permitindo-nos descobrir novas potencialidades e expressar nossa criatividade de maneiras surpreendentes. Tocada individualmente ou em grupo, a percussão nos

conecta com nossas raízes ancestrais, uma vez que muitos dos instrumentos utilizados têm origem em culturas africanas e indígenas. Além disso, tocar percussão nos permite ampliar nosso conhecimento sobre outras culturas e tradições, desenvolver habilidades motoras e melhorar nossa capacidade de comunicação com as pessoas ao nosso redor. Em resumo, a percussão é uma experiência enriquecedora que pode transformar tanto nossa prática musical quanto nossa vida pessoal.

Como bem destaca Arildo Colares Santos (2019, p.13;19), o ato de se tocar um instrumento musical pode trazer tanto o sentido lúdico como o sagrado, já que a prática musical proporciona um mergulho no plano sutil da existência. Isso pode acontecer como manifestação individual, a qual enseja uma transcendência solitária, ou na prática coletiva, onde a catarse é compartilhada e assume uma potência social, comunitária. Quando as vibrações sonoras percussivas entram em um corpo receptivo, resultam numa memória global onde som e movimento se somam. Os sons são “escritos” no corpo.

Tocar instrumentos de percussão é uma atividade que pode trazer muitos benefícios para a saúde física, mental e social do indivíduo. Para Felipe Barbosa (2017) entre esses benefícios, destaca-se o alívio do estresse, a estimulação do sistema imunológico e a capacidade de promover o aprendizado em diversas áreas do conhecimento, sendo uma prática enriquecedora para pessoas de todas as idades. A prática percussiva pode trazer também diversos benefícios para o desenvolvimento cerebral, autoconfiança e habilidades de comunicação, além de fortalecer as relações interpessoais. Por fim, ela pode facilitar o aprendizado de outros instrumentos musicais e ajudar a reduzir sintomas de ansiedade, depressão e solidão.

Quando se pensa na percussão como fenômeno, pensa-se em algo que se dá como extraordinário em uma cotidianidade, em uma coisa que aparece e que se mostra, saltando sobre as expectativas e surpreendendo quem se põe na escuta do sentido desta possibilidade de sonoridade. Os toques da percussão são tão diversos quanto diversas são as realidades. Essa diversidade também gera diferentes interesses que vão conduzir a visão ou a atenção para ela por uma determinada perspectiva (ABRAHÃO, 2015, p.32). E como eu já pude presenciar, tocar percussão é revolucionário, renovador, encorajador e estimulante.



## 1.2 Ritmo e percussão na Musicoterapia brasileira

Para discutir sobre o ritmo e a percussão na Musicoterapia, foi realizada uma revisão da literatura sobre o ritmo e os instrumentos de percussão na Musicoterapia no contexto brasileiro. Para isso, foram buscados artigos publicados em língua portuguesa, na Revista Brasileira de Musicoterapia, bem como nas plataformas de busca Capes e Google Acadêmico. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais abrangente e específica sobre a temática, considerando as particularidades e as contribuições da prática musicoterapêutica no Brasil.

Durante a revisão, foram analisados os artigos publicados na Revista Brasileira de Musicoterapia no período de 1996 a 2023, totalizando 235 artigos. Dentre esses, 9 artigos abordaram sobre ritmo, enquanto 22 mencionaram os instrumentos de percussão, porém não explorou detalhadamente sua utilização terapêutica, apenas citando o ritmo e a percussão como presentes no *setting*. Essa análise revela uma lacuna na literatura disponível, indicando uma falta de estudos aprofundados sobre o papel terapêutico do ritmo e dos instrumentos de percussão na prática da Musicoterapia no contexto brasileiro. Essa lacuna ressalta a necessidade de investigações adicionais para melhor compreender e explorar o potencial terapêutico desses elementos musicais específicos.

Nas plataformas Google Acadêmico e Portal Capes, a pesquisa considerou artigos publicados em língua portuguesa de 2013 a 2023. Foram encontrados 4.790 resultados no Google Acadêmico e 5 no Portal Capes. A maioria dos artigos estavam relacionados ao papel do ritmo na Musicoterapia, mas não explicavam sua função específica nas sessões musicoterapêuticas. Os artigos que abordavam os instrumentos de percussão apenas mencionavam seus nomes, sem especificar suas funções ou objetivos terapêuticos. No entanto, encontrei um trabalho de conclusão de curso datado de 2010, apresentado no curso de Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música Centro Universitário do Rio de Janeiro (LACERDA, 2010) que se aproximou desta pesquisa e da minha proposta de ensino de percussão para estudantes de Musicoterapia. Esse trabalho levantou questionamentos pertinentes, como a importância do ensino de ritmo e percussão nos cursos de Musicoterapia, assim como a necessidade de adquirir conhecimento sobre esses instrumentos para utilizá-los de forma mais consciente nas sessões terapêuticas. Embora o trabalho não tenha se aprofundado tanto nesse tema, concentrando-se mais na aprendizagem e

no tocar do que nos aspectos terapêuticos, houve momentos no texto em que ressaltou a relevância terapêutica de tais instrumentos.

No portal Capes encontrei, além dos artigos que citam os instrumentos de percussão sem maior aprofundamento, um artigo publicado em 2015 na Revista InCantare que aborda a utilização do tambor de crioula nas práticas musicoterápicas (PASSOS; WAWZYNIAK, 2015). Esse artigo se conecta com minha pesquisa, pois reconhece o ritmo como um elemento musical importante na Musicoterapia. Ele ressalta que explorar a vivência rítmica no contexto musicoterapêutico pode promover ações voltadas para a promoção e produção de saúde.

Devido à escassez de publicações que se aprofundassem na temática, também foi incluído neste capítulo um levantamento de literatura aberta, a partir de indicações de livros e outras publicações relacionadas ao objeto de estudos. Inicialmente, esse levantamento deu preferência a publicações que falassem do contexto brasileiro, porém, devido ao baixo número de textos encontrados, também não ficou limitado apenas a estes, como será visto a seguir.

Segundo Marly Chagas (1997, p. 21), o ritmo é a primeira experiência musical de cada ser humano, iniciando-se com a pulsação do organismo materno. Essa aptidão humana para o som se manifesta na expressão corporal, em que o ser humano é visto não apenas como um corpo, mas como um todo composto por interações corpo-mente. A autora afirma que a pulsação é o próprio self vital e sua qualidade se relaciona com a qualidade psíquica da identidade pessoal. Por isso, um trabalho cuidadoso com a pulsação musical, explorando e desenvolvendo a consciência do próprio pulso individual, pode ajudar na organização da pulsação energética geral do organismo e na organização da identidade psíquica. No contexto da Musicoterapia, há diversas formas de trabalhar com a pulsação, como a exploração do pulso de uma música estruturada, movimentos corporais acompanhando instrumentos, criação de sons que representem os próprios pulsos, caminhar no próprio pulso e acrescentar improvisações com a voz a partir das sensações que surgem.

Gregório Pereira de Queiroz (2017, p.90) ressalta que os instrumentos de percussão são acessíveis para pessoas sem vivência musical prévia, pois permitem que facilmente produzam sons e entrem no universo do ritmo, criando ou participando de uma estrutura rítmica. Na Musicoterapia, a percussão e o ritmo ocupam um papel

importante, pois pacientes geralmente se aproximam da música naturalmente por meio desses instrumentos.

O toque da percussão é o fenômeno que se expõe por um afeto imediato em uma experiência que desperta encanto. O que se dá primeiro é sempre o afeto: o toque. Como sua vigência é um tocar, não há como não ser tocado pela percussão, pois quando se mostra, ela já se mostra revelando um sentido que fascina (ABRAHÃO, 2015, P.25).

De acordo com Thaut (*apud* BRAGA, 2013, p.15), ritmo e polifonia contêm duas dimensões que organizam os sons sequencialmente e simultaneamente dentro de padrões e estruturas significativas, criando “a linguagem” da música. O ritmo é um dos mais importantes elementos estruturais para construir a expressão do significado formal da música, sendo o elemento central que se liga simultaneamente e sequencialmente aos padrões sonoros. Thaut considera ainda, que o ritmo, num sentido mais estrito, se refere a explicitar as divisões do tempo no espaço em sistemas de intervalo de tempo, recorrente e frequentemente (mas nem sempre) caracterizado pela periodicidade.

A música pode contribuir para a reabilitação neurológica de várias maneiras, que incluem estimulação rítmica e sincronização, processamento padronizado de informações e processamento neurológico diferencial de componentes musicais por meio de diferentes estruturas cerebrais, além de poder ser utilizada para melhorar a plasticidade cortical, religar os circuitos cerebrais e cerebelares para melhorar o controle motor auditivo e aumentar as funções motoras. A Musicoterapia pode servir como ferramenta para trazer a ritmicidade natural aos indivíduos, promovendo a reorganização dos circuitos neurais (BHARATHI *et al.*, 2019, p.182).

Na Musicoterapia Nordoff-Robbins, por exemplo, grande parte do trabalho com crianças consiste em primeiro levá-las a explorar livremente os instrumentos. Escolher instrumentos que produzam sons agradáveis e interessantes ajuda o musicoterapeuta a sentir o potencial musical do seu paciente. Optar por instrumentos de fácil usabilidade aumenta a possibilidade das crianças se sentirem atraídas por eles, por exemplo, um prato suspenso de tamanho médio, pode chamar atenção pelo seu brilho, o tambor pode ser um instrumento convidativo para se tocar com baquetas ou com as mãos. Uma criança pode querer tocar piano, seja desenhando sua melodia ou imitando o musicoterapeuta. Os sinos de vento podem ser instrumentos também atrativos, pois fornecem combinações de estímulos auditivos, visuais e táteis.

Pandeiro e tamborim também são instrumentos eficazes nas sessões, assim como o xilofone e metalofone (NORDOFF; ROBBINS, 2007, p. 273).

O ato de se tocar um instrumento musical pode trazer tanto o sentido lúdico como o sagrado, já que a prática musical proporciona um mergulho no plano sutil da existência. Isso pode acontecer como manifestação individual, a qual enseja uma transcendência solitária, ou na prática coletiva, onde a catarse é compartilhada e assume uma potência social, comunitária (SANTOS, 2018, p. 19). Quando as vibrações sonoras percussivas entram em um corpo receptivo, resultam numa memória global onde som e movimento se somam. Os sons são “escritos” no corpo (SANTOS, 2018, p.13).

É interessante que a(o) musicoterapeuta esteja ciente da importância de selecionar cuidadosamente os instrumentos de percussão que serão utilizados em suas intervenções terapêuticas, bem como ter um conhecimento consistente sobre ritmo e sua aplicação. A seleção adequada desses instrumentos poderá permitir que sua prática seja mais fértil, coerente e aberta às experimentações, o que pode ampliar as possibilidades da experiência musicoterapêutica, além de ajudar a criar um ambiente musical mais agradável e seguro para o processo terapêutico.

## Capítulo 2 - As perspectivas humanistas como referencial pedagógico para o ensino de percussão na Musicoterapia

O objetivo deste estudo é refletir sobre a proposta de ensino de percussão para estudantes de Musicoterapia a partir da prática percussiva tendo como perspectiva abordagens humanistas que levam em consideração propostas didáticas de ensino- aprendizagem que fortalecem a relação das(os) estudantes com os instrumentos de percussão. A partir disso, que os ajude a expandir o pensamento criativo a partir destes instrumentos no *setting* terapêutico.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, por isso o educador tem o dever não só de respeitar os saberes que os educandos sabem socialmente construídos na prática comunitária, como também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2021, p.31).

Na Psicologia Humanista, há uma valorização do ser humano, colocando-o como medida, como referência, e entendendo que a meta principal do processo terapêutico consiste em “levar a pessoa a experimentar sua potencialidade e seus limites a fim de que, mediante essa conscientização constante de si mesma, possa estar sempre autocentrada e fazendo uso de seu potencial criador” (CARDOSO, 1999, p. 51 *apud* SAMPAIO, 2021, p.23).

Os princípios humanistas apresentam uma grande contribuição no que diz respeito à valorização da potencialidade e da criatividade do ser humano e da relação dele com o meio e consigo mesmo. Combinar Musicoterapia com tais perspectivas de forma coesa e organizada pode positivamente impactar nossos pacientes, ampliando e fortalecendo suas habilidades, além de ajudar o musicoterapeuta a compreender melhor a subjetividade, a individualidade e o funcionamento humano. A abordagem humanista abre a possibilidade de perceber o ser humano em um horizonte social mais amplo à luz de suas experiências individuais.

Quando a educação é prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos (hooks, 2017, p.35).

## 2.1 Carl Rogers e a abordagem centrada na pessoa

A abordagem terapêutica e pedagógica de Carl Rogers (1902-1987) traz uma perspectiva diferente para a psicoterapia e para a educação, o que implica em uma maneira distinta de compreender o ser humano e, por consequência, uma abordagem diversa na relação entre terapeuta e cliente ou professor e estudante. Rogers vê o ser humano como inerentemente dotado de liberdade e de poder de escolha.

Ao longo de sua carreira profissional, o pensamento de Carl Rogers passou por transformações, o que resultou na modificação da nomenclatura de sua proposta teórica. Em 1940, quando Rogers introduziu sua nova abordagem teórica, ele a denominou como Psicoterapia Não-Diretiva ou Aconselhamento Não-Diretivo. No entanto, à medida que seus interesses se expandiram e seu trabalho evoluiu, ele passou a adotar diferentes denominações para sua abordagem. Posteriormente, ela foi chamada de Terapia Centrada na Cliente, Ensino Centrado no Aluno e Liderança Centrada no Grupo. Por fim, Rogers optou por denominá-la Abordagem Centrada na Pessoa, considerando essa designação como a mais adequada à sua teoria (C. Rogers, 1983). Essas mudanças na denominação refletem os diferentes focos de interesse que ele assumiu ao longo de sua vida profissional (MOREIRA, 2010, p. 537).

Segundo Clóvis Costa e Renata Fernandes (2020, p.24-25), as implicações da terapia centrada na pessoa para a educação foram impulsionadas pelas próprias experiências em sala de aula de Rogers. Para ele, os conhecimentos das(os) estudantes devem ser valorizados e problematizados, o que representava um foco nas (os) estudantes como sujeito do processo de aprendizagem. Rogers elucida que a meta de um ensino centrado nas(os) estudantes é a de contribuir com a formação de sujeitos críticos, capazes de fazer escolhas, de iniciativas próprias, de reconhecer a contribuição dos outros, bem como, da solidariedade, de adquirir conhecimentos e deles se servir para a solução de problemas, enfim de uma formação no sentido da autonomia. É uma tentativa de encontrar um método que possa atingir uma meta democrática.

Um curso centrado nas(os) estudantes começa e deve continuar em torno dos objetivos individuais de cada um. Além disso, é crucial que a(o) professora apresente aos estudantes uma variedade de materiais e recursos que possam facilitar o processo de aprendizagem e contribuir para alcançar as metas estabelecidas por eles. É fundamental que esses materiais e recursos sejam atualizados constantemente

levando em consideração que os objetivos podem evoluir e expandir-se ao longo do tempo (COSTA; FERNANDES, 2020, p. 26).

## **2.2 Gestaltpedagogia e Gestalt terapia**

A Gestaltpedagogia, que é um desdobramento educacional da Gestalt terapia, idealizada Hilarion Petzold, na Alemanha em 1977, é uma linha de trabalho que se constitui como um processo pedagógico em permanente construção dependente não só dos objetivos a serem alcançados no ensino como também os objetivos afetivos e sociais deste modelo educacional (COSTA, 2008, p.48). Segundo Laura Costa (2008, p.49), o objetivo geral da Gestaltpedagogia é favorecer ao estudante o reconhecimento de suas potencialidades e suas capacidades como um todo, legitimando o aspecto emocional implicado no processo de aprendizagem.

A Gestaltpedagogia pretende promover o crescimento pessoal do indivíduo através da sensibilização deste, isto significa torná-lo sensível aos seus interesses reais, respeitando e reconhecendo a hierarquia de suas necessidades. Necessidades estas que não são somente orgânicas como sede, sono, etc..., mas de ordem psicológica, social e espiritual como necessidade de ser incluído em um grupo, necessidade de dar sentido à vida.

## **2.3 Aprendizagem Colaborativa e Criativa**

Um outro exemplo referente à educação humanista que também traz à tona a valorização da criatividade é a Aprendizagem Colaborativa e Criativa, sendo uma ferramenta que potencializa a criatividade e nela se reconhece o potencial de promover uma aprendizagem mais ativa por meio do estímulo do pensamento crítico. Segundo Patrícia Torres e Esrom Irala (2014, p.61) esse tipo de aprendizagem auxilia no desenvolvimento de capacidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas, no desenvolvimento da capacidade de autorregulação do processo de ensino-aprendizagem. Ainda de acordo com os autores, essas formas de ensinar e aprender tornam as(os) estudantes mais responsáveis por sua aprendizagem, levando-os a assimilar conceitos e a construir conhecimentos de uma maneira mais autônoma.

Daniel Machado (2016, p.37) ressalta que a aprendizagem colaborativa tem emergido como uma das melhores estratégias de enfrentamento dos desafios inerentes ao ensino da música, seja em um contexto informal ou formal. Tal reconhecimento é respaldado pela crescente confirmação da aprendizagem como um processo de engajamento social e, paralelamente, à defesa de que os professores devem desempenhar um papel não de detentores do saber, mas sim de facilitadores e coaprendizes. No contexto da educação musical, por exemplo, a relação do professor com os universos musicais das(os) estudantes lhe permite compreender as ações que evidenciam o conhecimento musical que os estudantes já trazem para o processo educacional. Esse conhecimento pode se manifestar quando o professor dá voz aos estudantes ou quando eles próprios impõem sua voz (NARITA, 2014, p. 69 *apud* MACHADO, 2016, p. 37). O processo dessa aprendizagem ocorre não a partir de indivíduos isolados e motivações pessoais, mas sim de compartilhamento de metas, resolução de problemas em conjunto e compreensão dos impactos positivos que o trabalho colaborativo proporciona.

Em suma, a aprendizagem colaborativa é central na transformação do modelo de ensino através da transmissão mestre-aprendiz, repensando formas de aprendizagem na educação musical, em direção a alternativas mais compatíveis com a própria natureza colaborativa das artes. Tal proposta tem um efeito catalisador no desenvolvimento, aprofundamento e transformação de talentos compartilhados; na promoção da criatividade; na construção de pontes entre diferenças socioculturais; e no enfrentamento dos desafios impostos às artes, à educação e à sociedade no cenário mundial atual (RENSHAW, 2013, p. 237 *apud* MACHADO, 2016, p. 39).

Na concepção humanista, quando se trata de ensino, ressalta-se que não existem moldes prontos, nem regras a seguir, mas atenta-se ao indivíduo e à confiança no homem e no pequeno grupo. Este arranjo tem como objetivo tornar os seres humanos felizes, em valores baseados no 'ser' e não no 'ter', criando um senso de autenticidade (MIZUKAMI, 1992).

#### **2.4 Musicoterapia: proposta de ensino da prática percussiva**

A partir da perspectiva humanista que valoriza o aprendizado como um processo fluido e leva em consideração a individualidade de cada estudante, o ensino da percussão por meio da prática percussiva deve considerar as experiências que



cada um traz consigo. Essas experiências são um conjunto de realidades vividas que possuem significados autênticos e devem ser respeitadas. Ao levar em conta as experiências dessas pessoas, o ensino da percussão pode se adaptar e incorporar elementos que sejam relevantes para todos, permitindo uma conexão mais significativa com o aprendizado. Isso envolve reconhecer e valorizar as vivências musicais prévias de cada participante, bem como suas preferências e interesses musicais individuais. Dessa forma, ao considerar a individualidade e respeitar as experiências, o ensino da percussão se torna mais enriquecedor e efetivo, proporcionando um ambiente de aprendizado inclusivo e promovendo um desenvolvimento musical que esteja alinhado com as necessidades e aspirações de cada estudante.

O ensino de percussão para estudantes de Musicoterapia tem como proposta evidenciar a importância de conhecer as experiências musicais dos participantes, assim como sua relação com a percussão, além de abordar sobre a importância de ser ter conhecimento prévio dos instrumentos de percussão que serão utilizados nas sessões de Musicoterapia, já que estes instrumentos são protagonistas nos atendimentos musicoterapêuticos como forma de ligação entre terapeuta e paciente. Conhecer as pessoas participantes ajuda na sintonia e na troca de experiências e a relação educador-educando se insere no contexto presente e significativo.

Estudar e conhecer os instrumentos, compreendendo-os para além de objetos estéticos, é fundamental para o desenvolvimento dos recursos musicais, da musicalidade clínica e da criatividade necessárias para os atendimentos, já que esses instrumentos estão presentes no primeiro contato com os pacientes e, conseqüentemente, o ritmo se consolida como um elemento importante para a comunicação. Escolher os instrumentos de forma sábia e consciente ajuda a(o) musicoterapeuta a sentir e explorar o potencial musical do seu paciente.

Como bem disse Renato Sampaio (2018, p.5), quando paciente e terapeuta fazem música juntos no processo musicoterapêutico, há um encontro do paciente com o terapeuta em um território que é ao mesmo tempo musical e clínico, havendo demandas e forças destes dois tipos. Sendo assim, caberá ao musicoterapeuta conjugar as condições clínicas do paciente com suas possibilidades de expressão musical na seleção e na condução de atividades musicais a fim de permitir ao paciente mudar seu estado de saúde a partir deste encontro.

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra na pele do ser humano provocando arrepios de prazer ou o faz mergulhar em lembranças. Algumas melodias acabam por não tocar o indivíduo, enquanto outras o atingem diretamente e podem até transmitir significados concretos. O cérebro de todo ser humano se interessa por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado (SCHALLER, 2005, p. 67).

Meu principal questionamento é o modo como os ritmos e os instrumentos de percussão são utilizados pelo musicoterapeuta no *setting* musicoterapêutico, e esse questionamento teve como base meus estudos de ritmo e minha prática percussiva, que me ajudaram a identificar, fortalecer e ampliar minha musicalidade e minha formação em Musicoterapia. Tal questionamento também foi estimulado a partir da minha participação ativa e observações de como os mesmos são utilizados nas práticas dos estágios de graduação e como eles têm sido ensinados nas aulas de percussão para o curso de Musicoterapia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Nos estágios e nas aulas foi possível perceber como é importante se preocupar em dar sentido para os instrumentos, em entendê-los para além de objetos sonoros, pois paciente e musicoterapeuta se comunicam através da música e dos instrumentos escolhidos para serem tocados, de modo a estreitar seus laços e tornar o *setting* terapêutico orgânico e acessível. Sendo assim, percebi a relevância que o ensino de percussão esteja em contato direto com a prática clínica, tendo como objetivo principal, dar luz terapêutica aos instrumentos de percussão.

As aproximações entre as práticas clínicas com a educação humanista, respeitando a clareza dos métodos e objetivos, visam estabelecer um projeto clínico-pedagógico inclusivo, baseado no reconhecimento do saber autêntico e espontâneo, do respeito ao ritmo das(os) estudantes e focado nas necessidades destes que podem ser fundamentadas pelas suas características e aspirações, além de poder proporcionar sessões musicoterapêuticas mais consonantes (COSTA, 2008, p.55).

As abordagens humanistas consideram que a relação paciente-terapeuta se estabelece através do encontro. A partir do momento em que o encontro e a relação se fortalecem, abrem-se novas possibilidades de desenvolvimento, de aperfeiçoamento do olhar acerca da musicalidade e do desenvolvimento global do paciente, podendo assim perceber os ganhos, sejam eles motores, emocionais e/ou cognitivos, além de ampliar as possibilidades no processo terapêutico, tornando a

música produzida mais coesa, a terapia mais harmônica e os atendimentos mais individualizados e acessíveis.

A percussão não se restringe a um conjunto de instrumentos musicais, mas se instaura como possibilidade da própria música ser e realizar-se como sentido poético, o que a denomina como “toque de sentido”. A escolha consciente dos instrumentos e da célula rítmica a ser utilizada nas sessões é algo pertinente para a experiência musical e para a valorização da expressão musical do nosso paciente de Musicoterapia. O que pode ajudar, por exemplo, a encontrar o tema clínico e assim aflorar o processo musicoterapêutico proporcionando melhora em seu desenvolvimento geral. Escolher os instrumentos de forma sábia e cuidadosa ajuda a(o) musicoterapeuta a sentir e a explorar o potencial musical do seu paciente. Optar por instrumentos de fácil usabilidade aumenta a possibilidade das crianças se sentirem atraídas por eles, logo, o processo terapêutico pode se tornar mais eficaz.

O conhecimento prévio sobre os instrumentos de percussão utilizados na Musicoterapia pode desempenhar um papel fundamental para a(o) musicoterapeuta, uma vez que isso permite uma compreensão mais aprofundada de sua utilização como ferramenta terapêutica. Ao possuir conhecimento sobre como manusear os instrumentos, suas possibilidades sonoras, como timbres e amplitude, bem como a forma de combiná-los com outros instrumentos musicais, a(o) musicoterapeuta pode construir sessões terapêuticas mais coesas e acessíveis aos pacientes. Esse saber sobre os instrumentos de percussão possibilita explorar uma maior diversidade artística, ampliando as possibilidades no processo musicoterapêutico. Com isso, é possível criar sessões mais sensíveis, criativas e personalizadas, que atendam às necessidades e preferências individuais dos pacientes. Essa abertura artística favorece uma melhor qualidade de vida, contribuindo para o progresso e bem-estar dos pacientes.

Com base nisso, essa pesquisa reflete sobre o ensino e aprendizagem do ritmo e dos instrumentos de percussão através de um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia, pensando na possibilidade de aprimorar e expandir o conhecimento dos participantes sobre instrumentos de percussão, com ênfase na sua utilização terapêutica, levando em conta a individualidade, história e habilidades musicais de cada um.

### **Capítulo 3 - Ritmo e Percussão na formação do musicoterapeuta: a visão dos estudantes na prática clínica a partir da aplicação de um questionário**

Com o intuito de aprofundar a compreensão da formação de musicoterapeutas em relação ao ritmo e aos instrumentos de percussão, optou-se por utilizar uma metodologia de pesquisa exploratória<sup>1</sup>, baseada na aplicação de um questionário direcionado aos estudantes de Musicoterapia no Brasil. Esse questionário foi disponibilizado na forma de um formulário online por meio do Google Forms, e enviado para todas as instituições brasileiras, em diversos estados, que oferecem o curso de graduação em Musicoterapia. O objetivo principal foi investigar o nível de contato e conhecimento das(os) estudantes de Musicoterapia em relação aos instrumentos de percussão, além de identificar a necessidade de fortalecer e ampliar os conhecimentos acerca desses instrumentos.

Essa pesquisa faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Entrevistas e questionários como metodologia para estudos exploratórios em Musicoterapia: temas sobre a profissão”, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG sob o número CAAE 20283619.2.0000.5149. Foram feitas as seguintes perguntas:

- **Primeira seção**

- Dados iniciais

- Nome completo
- Email
- Telefone de contato
- Você faz graduação em Musicoterapia em qual instituição?
- Qual período você está cursando?
- Qual seu instrumento musical principal?

- **Segunda seção**

- Musicoterapia e percussão

---

<sup>1</sup> Tem a função preencher as lacunas que costumam aparecer em um estudo, pois ela irá fornecer a quem está pesquisando, informações que vão ampliar a familiaridade com o assunto, oferecendo-lhe suporte para a construção dos conceitos e hipóteses iniciais (SILVA *et al.* p. 124, 2021)

- Você já teve algum contato com instrumentos de percussão? Se "sim", qual ou quais instrumento(s)?
- No seu curso tem aula de percussão?
- Referente a pergunta anterior: Se você respondeu sim, as aulas são voltadas para as peculiaridades da Musicoterapia? Se não, você gostaria que tivesse?
- Você acha válido que estudantes de Musicoterapia tenham maiores informações acerca dos instrumentos de percussão? Por quê?
- O que você acha sobre a criação de um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia?
- Qual conteúdo você gostaria que fosse abordado num grupo de estudos como esse?
- Na sua opinião, como um maior conhecimento e domínio dos instrumentos de percussão pode auxiliar para o melhor atendimento musicoterapêutico?

Foram recebidas 33 respostas no total de todos os estados que possuem graduação em Musicoterapia. O maior número de respostas foi da UFMG com 63,6% (Figura 1).

Você faz graduação em Musicoterapia em qual instituição?

33 respostas

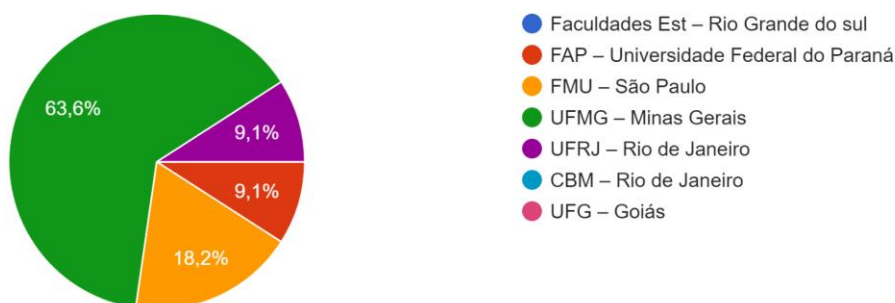


Figura 1 - Instituições que os respondentes fazem graduação em Musicoterapia

A maioria das(os) estudantes que responderam ao questionário estão cursando o 7º período, sendo esse tempo de curso bem variado. (Figura 2)

Qual período você está cursando?

34 respostas

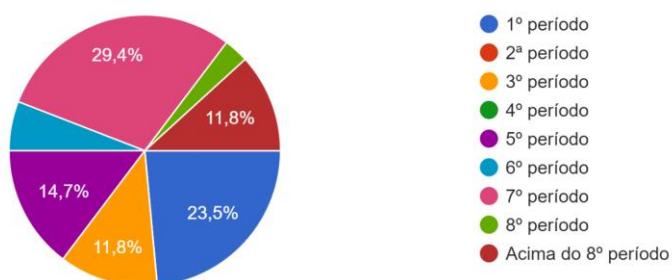


Figura 2 - Período que os respondentes estão cursando

Com 23,5%, o violão é o principal instrumento dos graduandos respondentes. (Figura 3)

Qual seu instrumento musical principal?

34 respostas

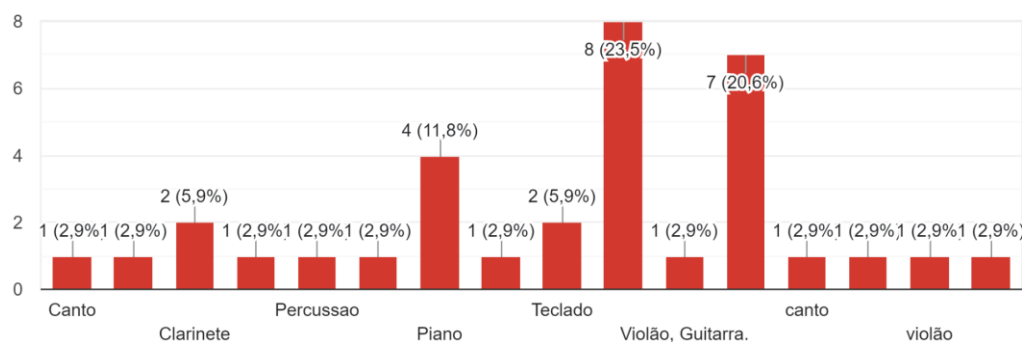


Figura 3 - Instrumento principal dos respondentes

De acordo com os dados coletados, foi constatado que 94,1% das pessoas já tiveram contato com instrumentos de percussão. Além disso, entre esses instrumentos, o pandeiro se destacou como o mais conhecido (Figura 4 e 5).

Você já teve algum contato com instrumentos de percussão?

34 respostas

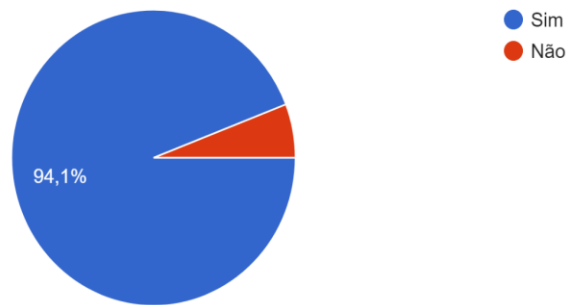


Figura 4 - Se os respondentes tiveram contato com os instrumentos de percussão

Se "sim", qual ou quais instrumento(s)?

31 respostas

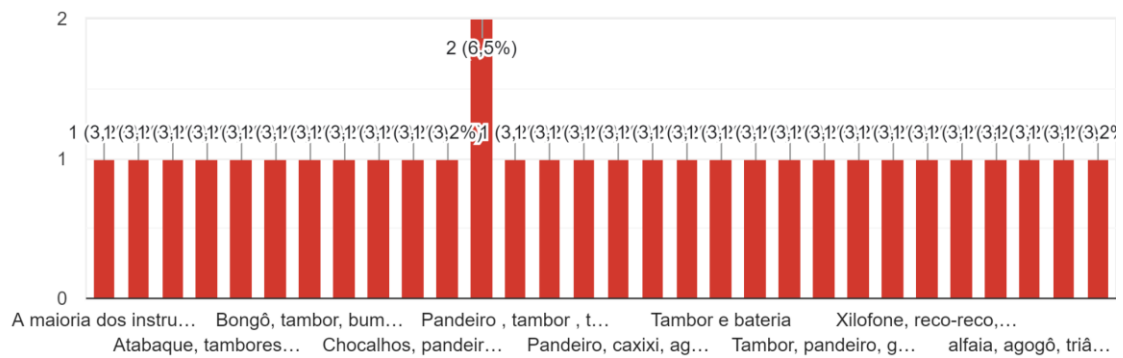


Figura 5 - Instrumentos de percussão mais conhecidos

Em relação à presença da aula de percussão, 82,4% afirmaram ter aulas desse instrumento em seus cursos. No entanto, quando questionado se as aulas são direcionadas para as peculiaridades da Musicoterapia, as pessoas que participaram mencionaram que as aulas estão sendo adaptadas para abordar aspectos da Musicoterapia, mas ainda possuem uma ênfase maior no ensino e prática dos instrumentos de percussão, ou seja, tais aulas não são voltadas especificamente para a Musicoterapia. Todas as respostas foram positivas quando perguntado se gostariam que tivessem aulas de percussão voltada para a Musicoterapia. (Figura 6)

No seu curso tem aula de percussão?

34 respostas

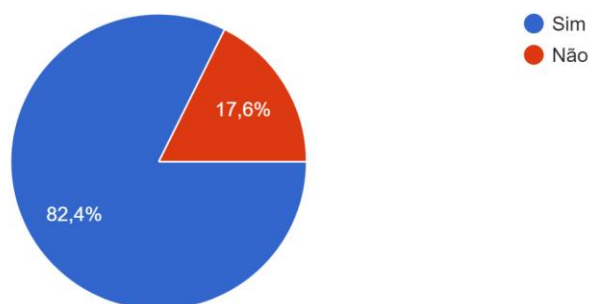


Figura 6 - Se no curso dos respondentes tem aula de percussão

Na pergunta, “Você acha válido que estudantes de Musicoterapia tenham maiores informações acerca dos instrumentos de percussão? Por quê?” as respostas foram unânimes. Todas as pessoas afirmaram que ter um maior conhecimento mais aprofundado sobre ritmo e instrumentos de percussão é importante para auxiliar nas sessões de Musicoterapia. Elas destacaram que os instrumentos de percussão são de fácil utilização e possuem a vantagem de produzir sons de maneira acessível, o que facilita a comunicação musical com os pacientes. Também foi um consenso positivo quando perguntado sobre a criação de um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia, pois acredita-se que a prática percussiva pode ser uma ferramenta importante para as sessões musicoterapêuticas.

As respostas mais frequentes em relação ao conteúdo a ser abordado em um possível grupo de estudos foram temas que abrangem uma ampla gama de aspectos relacionados ao uso terapêutico dos instrumentos de percussão na Musicoterapia, proporcionando um conteúdo rico e diversificado para as(os) participantes do grupo de estudos. As propostas foram:

1. Aplicação dos instrumentos de percussão nas sessões de musicoterapia.
2. Estabelecimento de canais de comunicação por meio dos instrumentos de percussão.
3. Improvisação, ritmos e criação musical na prática da musicoterapia.
4. Adaptação e criação de instrumentos percussivos para atender às necessidades terapêuticas.



5. Utilização dos instrumentos de percussão para melhorar a qualidade de vida dos participantes.
6. Estudo das principais claves rítmicas e instrumentação, incluindo suas origens e influências culturais.
7. Práticas em grupo e técnicas de execução dos instrumentos de percussão.
8. Diferenças e nomenclaturas entre os diversos tipos de instrumentos percussivos.
9. Exploração da percussão corporal como uma forma de expressão e ensino rítmico.
10. Diversas maneiras de utilizar e explorar os instrumentos de percussão nas sessões de musicoterapia, adaptando-se às necessidades individuais.
11. Exemplos de atividades com diferentes públicos, demonstrando como o ritmo e a percussão podem influenciar a regulação motora e emocional dos clientes.
12. Orientações sobre quando e como tocar o instrumento para acompanhar o paciente em sua expressão musical e história.
13. Exploração da relação entre a percussão, a cultura e a prática em conjunto.
14. Esses temas abrangem uma ampla gama de aspectos relacionados ao uso terapêutico dos instrumentos de percussão na musicoterapia, proporcionando um conteúdo rico e diversificado para os participantes do grupo de estudos.

Quando questionado sobre como um maior conhecimento e domínio dos instrumentos de percussão pode contribuir para um melhor atendimento musicoterapêutico, as respostas enfatizaram várias vantagens. Primeiramente, um maior conhecimento permite ao musicoterapeuta expandir as possibilidades e utilizar uma variedade maior de instrumentos, tornando as sessões mais ricas e dinâmicas. Além disso, essa habilidade ampliada possibilita explorar ainda mais o potencial musical dos pacientes, compreendendo de maneira mais coerente suas respostas musicais e/ou não musicais ao tocar instrumentos de percussão.

A partir das respostas ao questionário, podemos refletir que o desenvolvimento do conhecimento em instrumentos de percussão também se traduz em uma melhor conexão e sintonia rítmica com o paciente. Essa afinidade rítmica pode fortalecer a relação terapeuta-paciente, proporcionando um ambiente terapêutico mais acolhedor, inclusivo e facilitador na comunicação não verbal por meio da linguagem musical. Além disso, o musicoterapeuta pode expandir as atividades oferecidas durante as

sessões, criando uma maior variedade de estímulos e oportunidades para o paciente expressar e se engajar na terapia.

Em suma, para as(os) estudantes de Musicoterapia que participaram da pesquisa, adquirir um maior conhecimento e domínio dos instrumentos de percussão pode oferecer ao musicoterapeuta uma série de benefícios, desde a ampliação das opções musicais e a interpretação mais precisa das respostas do paciente, até a conexão emocional e o fortalecimento da relação terapêutica.

## Capítulo 4 - Estudo piloto

A partir da revisão de literatura realizada no capítulo 1, das ideias humanistas na educação (capítulo 2) e das respostas obtidas no questionário (capítulo 3), surgiu o interesse em realizar um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia, utilizando como proposta didática a perspectiva de abordagens humanistas centradas na pessoa, levando em consideração a importância de conhecer as experiências musicais das(os) estudantes de Musicoterapia, assim como sua relação com a percussão, além de abordar sobre a importância de ser ter conhecimento prévio dos instrumentos de percussão que serão utilizados nas sessões de Musicoterapia, já que estes instrumentos são protagonistas nas sessões como forma de ligação entre terapeuta e paciente.

Devido ao fato do mestrado não possibilitar tempo hábil para isto e com o intuito de verificar a viabilidade e o funcionamento do grupo de estudos, foi conduzido um estudo piloto como parte do estágio em docência, composto por duas aulas na disciplina "Tópicos em Musicoterapia: Práticas Musicocentradas" a convite da professora doutora Marina Horta Freire, que ministra essa disciplina optativa para o curso de graduação em Musicoterapia da UFMG.

As aulas do estudo piloto foram realizadas em duas terças-feiras consecutivas, das 19h às 20h40, na Escola de Música da UFMG. O formato adotado para as aulas foi híbrido, combinando atividades presenciais e online, para acomodar as necessidades e preferências das(os) estudantes matriculados. Todas(os) participaram ativamente das aulas. Com base no desenvolvimento das aulas, foi elaborado um relatório descritivo resumido, que destaca as principais atividades realizadas durante as aulas. Esse relatório servirá como registro e referência para futuras ações e desenvolvimento do grupo de estudos de prática percussiva. Todos os estudantes que participaram das duas aulas autorizaram a divulgação do relatório nesta dissertação.

### 4.1 Relatório do estudo piloto - Aula 1

**Número de participantes:** 8 pessoas (7 estudantes e 1 professora) e a pesquisadora como monitora.

**Formato:** híbrido (5 pessoas em formato presencial e 4 em formato online. A monitora também estava online por estar com covid.

A primeira aula começou com a apresentação do projeto do grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia e seus objetivos, já supracitados. Em seguida, avançamos com as seguintes questões:

**Questão 1: Conte rapidamente sobre sua história musical:**

Todas as pessoas disseram que o primeiro contato com a música foi quando criança, geralmente em casa ou na igreja. Embora houvesse diferença de idades, mencionaram que tiveram o primeiro contato com os instrumentos musicais entre os 3 e 13 anos de idade. Piano e violão foram os instrumentos mais comuns como primeiras experiências. Exceto por um participante, cujo primeiro instrumento foi o baixo. Alguns participantes também mencionaram ter feito parte de bandas quando eram adolescentes, enquanto outros fortaleceram sua musicalidade através de eventos na igreja.

**Questão 2: Qual a sua relação com os instrumentos de percussão?**

Esta pergunta teve como propósito saber qual a vivência de cada participante com os instrumentos de percussão de forma geral, independente se sabem ou não tocá-los. Na maioria dos casos, o primeiro contato dos participantes foi com a bateria. Em relação aos instrumentos de percussão, a maioria mencionou que teve o primeiro contato durante os atendimentos musicoterapêuticos ou nas aulas de percussão específicas para a Musicoterapia, ministradas pelo professor do curso de Percussão. Uma pessoa admitiu não saber o nome dos instrumentos de percussão, enquanto outra teve contato com eles durante práticas de conjunto no conservatório e em bandas locais. Além disso, um dos participantes teve uma experiência com a percussão no contexto do congado mineiro, embora tenha tocado apenas na banda da cidade.

Mesmo diante deste cenário, todas as pessoas disseram ter interesse em aprender a tocar pelo menos um pouco percussão, gostam de ritmo, reconhecem suas dificuldades em tocá-los e estão interessadas em tocá-los nas sessões de Musicoterapia. Destacaram ainda a importância do ritmo na música.

**Reflexão/questão 3: Se eu souber como tocar um instrumento de percussão, souber as possibilidades sonoras destes instrumentos, será que eu, como musicoterapeuta, vou conseguir trazer mais possibilidades musicais ou temas clínicos que irão contemplar meu paciente?**

Foram unânimes em concordar que quanto mais se sabe ou se conhece um instrumento melhor para a terapia e para o processo musicoterapêutico.

**Questão 4: O que eu espero ou gostaria que tivesse em um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia?**

As respostas variaram, abrangendo desde o conhecimento e aprendizado de diferentes instrumentos de percussão e padrões rítmicos da cultura brasileira até a compreensão de como utilizar esses instrumentos com os pacientes. Em resumo, a abordagem do grupo de estudos é combinar o aprendizado inicial com tocar os instrumentos de percussão com o entendimento de como aplicá-los de maneira terapêutica nas sessões. A abordagem do grupo de estudos seria a partir do aprendizado inicial, ou seja, da base fundamental do tocar dos instrumentos, ao mesmo tempo em que se explora como aplicá-los nas sessões de Musicoterapia. A ideia central é combinar o conhecimento prático do tocar com a compreensão de como utilizar os instrumentos de forma terapêutica durante as sessões. O objetivo é unir o conhecimento prático do tocar com a habilidade de utilizar os instrumentos de forma eficaz e significativa durante as intervenções musicoterapêuticas.

## **4.2 Relatório do estudo piloto - Aula 2**

**Número de participantes:** 7 estudantes + monitora

**Formato:** presencial

Essa aula teve como objetivo principal a prática de conhecer e tocar os instrumentos, além das pessoas participantes terem a oportunidade de experimentar simular o papel de paciente e o papel de terapeuta, tocando os instrumentos de percussão disponíveis. Os instrumentos de percussão foram dispostos de forma que todos conseguissem vê-los. Os instrumentos foram: pandeiro de couro, ganzás (ovinhos), caxixi, patangome, tamborim, reco-reco de madeira, triângulo, repique de mão e repique de anel. Um estudante levou uma caixa de folia (tambor de congado).



*Figura 7 - Instrumentos de percussão*

Ao perguntar se as pessoas participantes conheciam todos os instrumentos, a resposta unânime foi "não". Nesse momento, iniciei uma discussão sobre cada instrumento, incentivando-os a pensar e responder, sem medo de cometer erros, sobre o nome e a origem de cada um. Foi um momento de tirar dúvidas e discutir sobre os instrumentos e sua relevância na música popular brasileira. Após essa conversa, as(os) participantes tiveram a oportunidade de experimentar livremente todos os instrumentos, explorando-os sem qualquer direcionamento específico. Puderam tocar, manipular e, principalmente, perceber as possibilidades sonoras oferecidas por cada instrumento. Essa experiência permitiu que todas(os) se envolvessem ativamente, aprofundassem seu entendimento sobre as características de cada instrumento e desenvolvessem uma apreciação mais completa de suas potencialidades.

Após todos os participantes terem experimentado todos os instrumentos, foi iniciada uma vivência terapeuta-paciente. O único comando foi dado ao "paciente", que deveria tocar os instrumentos de forma livre e exploratória. Como monitora, minha função foi distribuir os instrumentos de forma aleatória para o "paciente", evitando que ele escolhesse apenas os instrumentos com os quais já tinha afinidade. O objetivo era despertar sua curiosidade e desafiá-lo a descobrir novos sons e possibilidades musicais. O "terapeuta" tinha a opção de tocar piano ou escolher um instrumento de percussão de sua preferência. Em seguida, como desafio adicional, eu, como

monitora, escolhi o instrumento que o “terapeuta” deveria tocar, enquanto o “paciente” tinha a liberdade de escolher qual instrumento preferia tocar.

Essa dinâmica proporcionou uma experiência enriquecedora tanto para quem experimentou o papel paciente como para quem experimentou o papel de terapeuta, incentivando a exploração criativa dos instrumentos e a descoberta de novas possibilidades sonoras. Ao incentivar a curiosidade e desafiar os participantes, buscamos ampliar suas experiências musicais e promover uma maior conexão emocional e terapêutica com os instrumentos utilizados na musicoterapia.

Após a vivência musical, realizamos uma conversa para compartilhar as experiências e os sentimentos de cada participante nos diferentes papéis desempenhados. Durante o momento em que atuaram como pacientes, destacaram a oportunidade de experimentar e tocar os instrumentos sem as restrições sociais ou expectativas, permitindo uma liberdade criativa e uma conexão mais autêntica com a música. No papel de terapeuta, a experiência prévia de tocar os instrumentos possibilitou ideias musicais mais conectadas com o que o paciente estava tocando, gerando uma maior harmonia musical. Uma participante utilizou a expressão “dar liga” para descrever essa interação musical.

### **4.3 Discussão da experiência**

Os dois encontros do estudo piloto para o grupo de estudo de prática percussiva levaram em conta as experiências que as pessoas participantes possuem, pois elas são um conjunto de realidades vividas que possuem significados reais e precisam ser respeitadas. Assim, o estudo piloto teve como ponto de vista as ideias humanistas que incentivam o aprendizado de forma fluida e leva em consideração a individualidade de cada estudante, por isso, a primeira aula foi baseada na história musical de cada participante.

A prática proposta na segunda aula teve como objetivo fazer com que todas as pessoas pudessem conhecer alguns instrumentos de percussão e explorar suas possibilidades sonoras. Essas etapas foram oportunidades valiosas para obter feedback das(os) estudantes e perceber a possibilidade e relevância de um grupo de estudos como este, com o intuito de aprimorar a proposta e, futuramente, compreender sua efetividade na formação dos musicoterapeutas.

## **Discussão e considerações finais**

Após revisar a literatura sobre ritmo e instrumentos de percussão, e considerando a minha experiência como percussionista, se faz importante destacar que o ritmo, além de desempenhar um papel fundamental em diversas manifestações artísticas, como música, dança e poesia, está intrinsecamente ligado à natureza humana, estabelecendo uma conexão íntima entre o ritmo sonoro e o ritmo corporal interno. É uma força vital presente em todas as formas de vida e fundamental para a execução de qualquer atividade. Por isso, a consciência rítmica é importante para o desenvolvimento psicomotor do ser humano, já que o ritmo está essencialmente ligado ao movimento e a educação rítmica pode ser uma forma eficaz de melhorar a coordenação motora e a consciência corporal.

Tocar percussão é uma forma de arte que pode ter um impacto significativo e positivo em nossas vidas. Ao nos envolvermos com a percussão, abrimos portas para descobrir novas habilidades e expressar nossa criatividade de maneiras surpreendentes. Tocando individualmente ou em grupo, ela nos proporciona a oportunidade de nos conectarmos com nossas raízes ancestrais, uma vez que muitos dos instrumentos utilizados têm origem em culturas africanas e indígenas. Assim, a percussão é uma experiência enriquecedora que vai além do simples ato de tocar instrumentos, ela nos conecta com nossa criatividade, nossas raízes culturais e com outras pessoas ao nosso redor. Através da percussão, podemos explorar e expressar nossa individualidade, expandir nossos horizontes musicais e experimentar um senso de conexão e pertencimento mais profundo.

Diante dos estudos sobre ritmo e percussão, foi possível refletir sobre a importância da(o) musicoterapeuta estar ciente de selecionar cuidadosamente os instrumentos utilizados em suas intervenções terapêuticas, bem como ter um conhecimento consistente sobre ritmo e sua aplicação. A seleção adequada poderá permitir que sua prática seja fértil, coerente e aberta às experimentações, o que pode ampliar as possibilidades da experiência musicoterapêutica, além de ajudar a criar um ambiente musical mais agradável e seguro para o processo terapêutico.

Por compreender a relevância do conhecimento prévio acerca do ritmo e dos instrumentos de percussão, esta dissertação levantou a reflexão sobre a proposta de ensino de percussão para estudantes de Musicoterapia a partir da prática percussiva e tendo como perspectiva pedagógica as abordagens humanistas, que



levam em consideração propostas didáticas de ensino-aprendizagem que fortalecem a relação das(os) estudantes com os instrumentos de percussão e assim as(os) ajude a expandir o pensamento criativo a partir destes instrumentos no *setting* terapêutico. Como elucidado por Rogers, a meta de um ensino centrado nas(os) estudantes é a de contribuir com a formação de sujeitos críticos, capazes de fazer escolhas, de iniciativas próprias, de reconhecer a contribuição dos outros, bem como da solidariedade, de adquirir conhecimentos e deles se servir para a solução de problemas, enfim de uma formação no sentido da autonomia.

Sendo assim, o ensino de percussão para estudantes de Musicoterapia a partir das perspectivas pedagógicas humanistas, tem como proposta evidenciar a importância de conhecer as experiências musicais dos participantes, assim como sua relação com a percussão, além de abordar sobre a importância de conhecer os instrumentos de percussão utilizados nas sessões de Musicoterapia, já que estes instrumentos têm destaque nos atendimentos musicoterapêuticos como forma de ligação entre terapeuta e paciente.

Como paciente e musicoterapeuta se comunicam na música e com os instrumentos escolhidos para serem tocados e assim estreitar seus laços, tornando o *setting* terapêutico orgânico e acessível, foi possível perceber quão relevante é que o ensino de percussão esteja em contato com a prática clínica tendo como objetivo principal dar luz terapêutica aos instrumentos. Assim, a fim de ampliar o conhecimento sobre a formação de musicoterapeutas em relação ao ritmo e aos instrumentos de percussão, foi utilizada a metodologia da pesquisa exploratória, com a aplicação de um questionário direcionado aos estudantes de Musicoterapia no Brasil.

Para as(os) estudantes de Musicoterapia que participaram da pesquisa, adquirir um maior conhecimento e domínio dos instrumentos de percussão pode oferecer ao musicoterapeuta uma série de benefícios, desde a ampliação das opções musicais e a interpretação mais precisa das respostas do paciente, até a conexão emocional e o fortalecimento da relação terapêutica. E, a partir dos resultados obtidos no questionário, aumentou em mim o interesse em organizar um grupo de estudos de prática percussiva para estudantes de Musicoterapia. A proposta didática desse grupo é fundamentada nas abordagens humanistas centradas na pessoa, levando em consideração a importância de conhecer as experiências musicais das(os) estudantes de Musicoterapia, bem como sua relação

com a percussão. Além disso, pretende-se abordar a relevância de possuir um conhecimento prévio dos instrumentos de percussão utilizados nas sessões musicoterapêuticas.

Esta dissertação foi uma semente plantada no meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Musicoterapia e está em processo de germinação. O intuito aqui foi demonstrar a importância da(o) musicoterapeuta ter consciência da seleção dos instrumentos de percussão e conhecimento rítmico, permitindo-se ampliar as possibilidades no processo musicoterapêutico.

Através das abordagens humanistas, o ensino da percussão na Musicoterapia ganha um fundamento relevante e enriquecedor. Essas abordagens destacam a importância da individualidade, da autenticidade e da expressão criativa de cada pessoa, reconhecendo-as como protagonistas ativos em seu processo de aprendizagem. Além disso, elas fornecem uma base interessante para facilitar o desenvolvimento pessoal, fortalecer a identidade e buscar o bem-estar por meio do poder transformador da música. Com base na análise das respostas obtidas no questionário e da realização do estudo piloto, foi possível perceber que é de grande valia para as(os) estudantes terem a oportunidade de conhecer os instrumentos de percussão e os reconhecer para além de objetivos estéticos. Isso permite a compreensão da utilização deles como ferramentas facilitadoras do processo terapêutico, da melhor percepção da musicalidade do paciente e na ampliação da musicalidade da(o) musicoterapeuta.

A partir dessas reflexões e devido à escassez de fundamentação teórica e prática sobre este tema, tenho como perspectiva futura aplicar o grupo de estudos de práticas percussivas para estudantes de Musicoterapia na UFMG como uma pesquisa-ação. O presente trabalho ressalta a necessidade de investigações adicionais e convida outras(os) musicoterapeutas a pesquisar acerca dos ritmos e dos instrumentos de percussão na Musicoterapia. Pois com uma maior quantidade de pesquisas sobre esse assunto, torna-se viável aprofundar a compreensão e explorar de forma mais completa o potencial terapêutico desses elementos musicais específicos. Acredita-se que, ao expandir a literatura e incluir esse tema em congressos e simpósios, será possível destacar ainda mais as valiosas contribuições do ritmo e dos instrumentos de percussão para a melhoria da qualidade de vida proporcionada pela Musicoterapia.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Paraguassú Tavares Pereira. **Percussão: toque de sentido**. 2015. 232f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2015.
- BARBOSA, Felipe. **10 Benefícios de aprender a tocar bateria**. Disponível em: <https://www.clubedobaterista.com.br/curiosidades/10-beneficios-de-se-tocar-bateria>. Acesso em: 21 fev 2020.
- BARCELLOS, Lia Rejane. Musicalidade Clínica. In: **Musicoterapia – Alguns Escritos**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- BHARATHI, Geetha; JAYARAMAYYA, Kaavya; BALASUBRAMANIAN, Venkatesh; VELLINGIRI, Balachandar. The potential role of rhythmic entrainment and music therapy intervention for individuals with autism spectrum disorders. **Journal of Exercise Rehabilitation**, v. 15, n. 2, p. 180-186, 2019.
- BRAGA, Natália Braga. **Efeito do ritmo nos membros superiores na doença de parkinson – abordagem interdisciplinar entre Terapia Ocupacional e Musicoterapia**. Monografia (especialização). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CHAGAS, Marly. Musicoterapia e psicoterapia corporal. aspectos de uma relação possível. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Ano II, n. 3, p.17-25, 1997.
- CORDERO, Osvaldo Homero Garcia. A música, o ritmo e a educação física. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 2, p. 173-186, 2014.
- CORRÊA, Giovana Camila G.; CAMPOS, Isabel Cristina P. de C.; ALMAGRO, Ricardo Campanha. **Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa**. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.62-72.
- COSTA, Clóvis Martins; FERNANDES, Renata Sieiro. Aprendizagem centrada na pessoa: a atualidade da proposta educacional de Carl Rogers. **Comunicações Piracicaba**, v. 27, n. 2, p. 21-40, maio - agosto, 2020.
- COSTA, Laura Dias Matos da. **A Gestalpedagogia e suas possíveis contribuições no contexto do ensino superior**. 2008, 68f. Monografia (especialização). Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2008.
- FREIRE, Paulo (1921-1997). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GRAEFF, Nina. **Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MACHADO, Daniel Augusto Oliveira. **Aprendizagem Criativa-Colaborativa e Liderança Musical: Princípios e Práticas**. 2016. 113f. Tese (Pós Graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, Belo Horizonte, 2016.

MEDEIROS, Beatriz Raposo de. Ritmo na língua e na música: o elo possível. **Música em perspectiva**, v.2, n.2, p.45-63, 2009.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 1992.

MOREIRA, Virgínia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, Ano, 27, v 4, p. 537-544, outubro - dezembro 2010.

NORDOFF, Paul; ROBBINS, Clive. **Creative music therapy: a guide to fostering clinical musicianship**. 2. ed. Gilsum: Barcelona Publishers, 2007.

QUEIROZ, Gregório José Pereira de. **O papel da música na umbanda e na reorganização das id/entidades - uma visão psicossocial**. Beau Bassin: Novas edições acadêmicas, 2017.

SCHALLER, Katrin. Acordes curativos. **Viver Mente & Cérebro: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento**, São Paulo, p. 64-69, jun. 2005.

SILVA, TVC; da SILVA, EA; SILVA, JSLG; da SILVA, CMSD; VIEIRA, CLJ; SOUZA, AS. Aplicabilidade da musicoterapia no contexto da criança hospitalizada: sob a ótica da enfermagem'. **Revista Pró-UniverSUS**. 2021 Jan./Jun.; 12 (1)SUPLEMENTO: 122-127.

SPOSITO, Mariângela da Silva; CUNHA, Rosemyriam. Musicoterapia para angel. autismo, ritmo e um espaço-tempo de ser. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, ano XV, n. 14, p. 15-29, 2013.

SAMPAIO, Renato Tocantins. **Processos Clínicos em Musicoterapia. In: De onde viemos? Pra onde vamos? Saberes, Processos e Fazeres em Musicoterapia – Homenagem a Lia Rejane Barcellos**. Rio de Janeiro: Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro, no prelo, 2018.

SAMPAIO, Renato Tocantins. **Compreensões Gestálticas sobre o Autismo: implicações para a prática clínica**. 2021, 77f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Belo Horizonte, 2021.

SANTOS, Arildo Colares. **Aprendiz de samba: oralidade, corporalidade e as estruturas do ritmo**. 2018, 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2018.

SARAIVA, Carolina Machado; ANJOS, Águeda Maria Gonçalves dos. A **Pesquisa-Ação no ensino superior: um caminho de (trans)formação individual e social**. Administração: Ensino e Pesquisa, v. 21, n. 3, p. 282–315, 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed – São Paulo: Cortez, 2011.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano Freitas. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: Senar, p. 61-93, 2014.

WEIGSDING, Jessica Adriane; BARBOSA Carmem Patrícia. A influência da música no comportamento humano. **Arquivos do MUDI**, v. 18, n. 2, p. 47-62. 2014.